

5

As estratégias e os propósitos das abreviaturas

5.1

As abreviaturas em documentos antigos

Para fazer essa análise, dividimos em duas partes esta seção, sendo uma para cada tipo de documento colhido.

O primeiro tipo de documento trata-se de cartas em que os professores prestavam conta do estado de instrução das filhas do imperador D. Pedro I (Francisca, com seis anos de idade na época, e Januária, com oito anos de idade), no ano de 1830.

O segundo trata-se de dados colhidos do livro de entrada dos feitos na Secretaria Judicial do Tribunal do Comércio da Corte Brasileiro, em que eram registrados dados em um espaço de página predeterminado, o que condiciona, de certa forma, a escritura dos dados.

5.1.1

As cartas

Como primeiro objeto de análise, tomemos as cartas, meio de comunicação escrita mais usado entre as pessoas do século XIX. Por essas cartas terem sido escritas por professores, encontraremos nelas uma linguagem culta. Portanto, as abreviaturas utilizadas pelos mestres refletem a sociedade com um nível de instrução elevado da época do Império.

Analisemos alguns trechos significativos⁶ :

(1) “Por ordem de S.M. e Imperador, Mandando-me como Mestre das primeiras letras, de Seus Augustos Filhos, dê conta a Essa Augusta Câmara, do estado de instrução emq’ se achão digo:”

⁶ A coleção na íntegra dos trechos colhidos encontra-se no anexo deste trabalho.

Em (1), podemos verificar a abreviatura da forma de tratamento *Sua Majestade*, forma como eram tratadas as autoridades monárquicas da época. Essa abreviação acontece devido ao seu intenso uso nas cartas remetidas a essa camada da sociedade, o que faz com que a forma estendida seja desnecessária.

Já a motivação para a abreviatura emq' (em que) é outra. Mais do que economizar tempo suprimindo letras, o propósito do escritor seria proporcionar um caráter oral à forma escrita, já que a expressão *em que*, na oralidade, dá a impressão de formar apenas uma palavra, a chamada *palavra fonética*⁷. Chegamos a essa conclusão pelo fato de a apócope⁸ consistir de apenas duas letras, o que torna a economia um fator quase irrelevante para sua ocorrência.

Vejamos outros dois trechos...

(2) “Por ordem de S.M. Imperador mandando-me q, como Mestre de Musica de Seus Augustos Filhos, dê conta...”

(3) “À Jovem Rainha de Portugal, principiei a dar lição de muzica no dia 16 de Abril do corrente anno, [...] o estado em q” se achava, encontrei q” conhecia a muzica...”

Os trechos (2) e (3) encontram-se em uma outra carta, diferente da que serviu de matéria-prima para a extração do trecho (1). No trecho (2), mais uma vez, encontramos a abreviatura da forma de tratamento *Sua Majestade*, bastante comum, assim como a maioria das formas de tratamento, quase todas abreviadas.

Porém, comparando os dois trechos, percebemos duas formas diferentes de abreviação para a mesma palavra. Em (2), *que* aparece abreviada como *q*, diferentemente do que acontece em (3), onde encontramos a forma abreviada *q”*. Tanto em uma forma quanto na outra, a motivação seria a economia de letras, por meio da apócope, o que é permitido pelo freqüente uso dessa palavra. Nos dois, o propósito seria o de maior rapidez na escritura da carta.

É interessante ressaltar que essa variação de abreviaturas para uma mesma palavra acontece em uma mesma carta, escrita pela mesma pessoa. Isso ocorria

⁷ Para um maior esclarecimento sobre a definição de palavras, consultar: BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. 94 p.

_____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

⁸ v. seção 4.1 do presente trabalho.

pelo fato de que não havia normas que regessem as abreviaturas naquela época. O que importava, no caso, era uma comunicação clara, rápida e eficiente.

O trecho seguinte permite-nos mais uma análise...

(4) “Sua Alteza a Princesa D. Francisca, a mais tenra em idade está *mt.*^o adiantada em ler e dada a Doutrina Christã.”

Nessa passagem, mais uma vez encontramos a abreviação de uma forma de tratamento. Neste caso, *D.* abrevia a palavra *Dona*. Além dessa, a outra abreviatura encontrada é *mt.*^o, que significa *muito*. Aqui, encontramos uma abreviatura por síncope e com uma letra superposta, mais uma vez com o propósito de agilizar o processo da escrita.

Cabe, neste momento, citar Beltrão (1998), que nos alerta que certas formas perderam a atualidade, pois foram criadas na era da escrita à mão, como é o caso de *mt.*^o. Atualmente, na era da informática, levaríamos muito mais tempo para digitar *mt.*^o do que *muito*, já que a forma abreviada contém um caractere superposto aos demais.

Mais adiante veremos que as formas de abreviação de hoje utilizam-se de outras estratégias, já que o meio usado para a produção escrita condiciona o produto textual final (Bonini, 2003).

5.1.2

O Livro de Entrada dos Feitos na Secretaria Judicial do Tribunal do Comércio da Corte Brasileiro

Por ser um livro de entrada, o espaço para as descrições é pequeno, por isso muitas palavras são abreviadas. A distribuição se dá da seguinte forma...

O livro divide-se em 8 colunas, sendo 4 em cada página...

1ª coluna: Nome da cidade;

2ª ou 4ª coluna: As inscrições *appellante* ou *appellado*;

3ª coluna: os nomes dos apelantes e dos apelados;

5ª coluna: A inscrição *Deve de preparos 6/360*;

6ª coluna: A inscrição *P.G. em data*;

7ª coluna: O nome do escrivão responsável pelo processo e a data do julgamento;

8ª coluna: O nome do desembargador a quem o processo foi distribuído.

Vejamos, a seguir, um modelo da organização dos dados nesse documento, que figurava na primeira folha do mesmo.

Rio de Janeiro	Appellante ou appellado	Miguel Joaquim do Firmamento	Appellante ou appellado	Deve de preparos 6/360	P. G. em data	Distribuída ao Iscrivão Mendonça. Julgada em 30 de Julho	D. ao Desembargador Cardozo.
----------------	----------------------------	------------------------------	----------------------------	---------------------------	---------------	---	---------------------------------

Modelo 1 – Primeira folha do Livro de Entrada

Percebemos, analisando os dados, que Rio de Janeiro, nas primeiras entradas, aparece escrito de forma estendida, mas depois, conforme vão passando as folhas, aparece abreviado da seguinte forma:

(5) Rio de Janr^o.

Aqui, vemos uma abreviação por síncope e a superposição da letra o, que ocorria pelo fato de a identificação continuar sendo possível mesmo com a forma abreviada, já que, pela seqüência, o autor poderia usar essa estratégia de aceleração de escritura.

O mesmo acontece com as palavras *Appellante* e *Appellado*, que, no início, apareciam dessa forma, porém, depois:

(6) App^{te}., App^{do}.

Com os nomes das pessoas, também ocorriam os mesmos processos:

(7) Manoel = M^{el}.

(8) Firmamento = Firmam^{to}.

(9) Francisca Candida Ferreira França = Fran^{ca}. Candida Ferr^a. França

(10) Anna Joaquina dos Santos Silva = Anna Joaq^{na}. dos S^{tos}. Silva

(11) Francisco = Fran^{co}.

(12) Pereira = Per^a.

(13) Carneiro = Carnr^o.

(14) Augusto = Aug^{to}.

(15) Mendonça = Mend^{ca}.

No momento da cópia dos dados, pudemos observar que, no caso dos nomes de (7) a (15), o propósito do escrevente era o de reduzir as palavras (por síncope e sobreposição de letras) para caberem no espaço da folha, que era pequeno, pois, de acordo com a extensão do nome, as letras também diminuía de tamanho.

Já com as palavras *Appellante* e *Appellado*, cujas abreviaturas vemos em (6), o espaço físico do livro era suficiente para a escritura das formas estendidas. Portanto, o propósito era o de agilizar o processo de escritura, já que era desnecessária a forma estendida para a compreensão das palavras.

Alguns nomes apareciam abreviados mesmo quando havia espaço para a forma estendida, como:

- (16) Manoel = M^{el}.
- (17) Joaquim = Joaq^m.
- (18) Maria = M^a.
- (19) José = J^e.

Nos casos dos nomes de (16) a (19), também abreviados por síncope e superposição de letras, a motivação do escrevente para o uso de tal estratégia não era o pequeno espaço físico para o preenchimento dos mesmos, mas a grande frequência com que eram utilizados esses nomes naquela época, o que lhe permitia que abreviasse os nomes sem qualquer risco de não entendimento.

Quanto aos meses, é interessante notar que as estratégias de preenchimento encontradas eram diferentes. Vejamos os exemplos:

- (20) Janeiro = J^o.
- (21) Fevereiro = Fever^o.
- (22) Março = Março (espaço normal) e M^{co}. (pouco espaço)
- (23) Abril = Abril
- (24) Maio = Maio
- (25) Junho = Junho
- (26) Julho = Julho
- (27) Agosto = Agosto ou Ag^{to}.
- (28) Setembro = 7.^{bro}
- (29) Outubro = 8.^{bro}
- (30) Novembro = 9.^{bro}
- (31) Dezembro = Dbr^o. (mais usado) e Dez^{bro}.

Em (20), (21), (22), (27) e (31), a estratégia é o uso da síncope e da superposição de letras, diferentemente de (28), (29) e (30), em que é explorada a fonética dos símbolos numéricos 7, 8 e 9. Em todos esses casos, o propósito era o de agilizar o processo de escritura.

De (23) a (26), os meses permaneceram de forma estendida, já que as letras que representam tais meses são poucas, não trazendo necessidade de uma abreviação. Beltrão (1998) diz que palavras com menos de cinco letras, quando a abreviatura precisar ir até a terceira letra, não são abreviadas. Apesar de essa regra ainda não existir na época da confecção do documento analisado, ela nos serve como explicação para a não abreviação dos referidos itens.

Nos itens (22) e (27), vemos que foram utilizadas as duas formas para a descrição dos meses, a estendida e a abreviada. Em (22), quando havia espaço suficiente para a escrita estendida, o escrevente não abreviava a palavra, assim

como acontecia nos exemplos de (23) a (26). Porém, quando faltava espaço físico para a descrição da data, foi utilizada a síncope e a superposição de letras.

Já em (27), as duas formas, a estendida e a abreviada, alternavam-se sem uma motivação aparente.

Conforme as páginas vão passando, menos palavras vão sendo escritas. Da primeira até a vigésima primeira página do livro, encontramos os campos preenchidos como no **Modelo 1**. A partir da vigésima segunda página, a sétima coluna passa a conter apenas a descrição do nome do escrivão responsável pelo processo, da seguinte forma:

(32) D. ao Isc. Mendonça.

A partir da página 30, surge a descrição:

(33) D. A Mendonça.

E, a partir da página 35:

(34) Mendonça.

Na página 49, a coluna que já conteve *Distribuída ao escrivão Mendonça, Julgado em 30 de Julho*, passa a ser apenas: M^{ca} .

A motivação dessa progressiva supressão de termos foi a repetição dos mesmos por muitas páginas, o que fez com que eles ficassem subentendidos na forma final. O propósito claramente é o de agilizar o processo de escritura.

Analisando a oitava coluna, que descreve o nome do desembargador a quem o processo foi distribuído, percebemos que, a partir da página 34, o espaço passa a conter apenas o nome do desembargador, como em (35).

(35) Cardozo.

A partir da página 42, o nome do desembargador some.

Finalmente, analisando a primeira coluna, que descreve o nome da cidade em que ocorreu o processo, verificamos que, a partir da página 33, a primeira coluna passa a conter a seguinte descrição:

(36) R°. de J°.

Em (36), é utilizada a apócope e a superposição de letras, também por causa do fácil entendimento do nome da cidade, devido a sua repetição no decorrer do documento, tendo como propósito a rapidez.

O livro vai até a página 193. Há mudanças na escritura, mas nada muito diferente das descritas acima. Vejamos agora, no **Modelo 2**, como foi preenchida a folha na página 49.

Rº. de Jº.	App ^{te} ou app ^{do}	Miguel Joaquim do Firmam ^{to}	App ^{te} ou app ^{do}			M ^{ça} .	
------------	--	--	--	--	--	-------------------	--

Modelo 2 – Folha 49 no Livro de Entrada

Do **Modelo 1** ao **Modelo 2**, houve uma grande mutação. O nível de detalhamento das informações caiu tanto a ponto de alguns dados sumirem em algumas colunas.

Como vimos, em quase todas as colunas, as motivações foram várias, porém, o propósito de todas essas supressões foi um só: a maior rapidez no preenchimento das informações, desde que sem perda no entendimento, já que o processo era executado à mão, sem o auxílio de qualquer forma de automatização. Esse propósito só foi alcançado pelo fato de as informações suprimidas já estarem contidas nas páginas anteriores, o que fez com que houvesse uma coesão seqüencial das informações disponibilizadas.

Em algumas colunas, informações foram excluídas pelo fato de o escrevente as julgar desnecessárias. As motivações desse julgamento não foram pesquisadas.

A seguir, analisemos a nova escrita que surge na atualidade, cujas inovações têm como grande responsável o crescimento do uso do computador com fins comunicativos.

5.2

Novas e velhas estratégias de abreviação: serão as mesmas?

A fim de analisar as estratégias de abreviação na era da informática, neste capítulo relataremos uma experiência em que jovens tentaram abreviar trechos das cartas expostas na seção **6.1.1** deste trabalho. Os dados colhidos foram divididos em dois grupos: os dos jovens que não têm o hábito de conversar na Internet⁹ – **G1** – e os dos habituados aos programas de bate-papo¹⁰ – **G2**.

5.3

Jovens sem hábito de usar programas de bate-papo

Para iniciar essa análise, vamos diretamente ao levantamento dos dados.

⁹ Os procedimentos adotados encontram-se na Fundamentação metodológica do presente trabalho.

¹⁰ A fim de tornar o texto mais fluido, utilizarei essa técnica de abreviação, em que **G1** engloba o grupo 1 e **G2**, o grupo 2.

De um total de 32 redações, 20 pertencem a **G1**. Após digitalização e processamento dos textos, foram encontradas 721 palavras abreviadas, o que configura uma média de 36,05 abreviaturas por documento¹¹.

É interessante notar que o documento original, colhido no século XIX, continha apenas 21 abreviaturas. Mesmo sendo uma situação em que lhes foi solicitada a abreviação de palavras, percebemos que os escreventes de hoje tendem a abreviar mais palavras que os de antigamente.

As abreviaturas mais utilizadas foram as seguintes:

- (1) d (de ou dê), com 151 ocorrências
- (2) q (que), com 120 ocorrências
- (3) c (se), com 16 ocorrências

Em (1), (2) e (3), a motivação principal foi a fonética das letras *d*, *q* e *c*, que deixa os jovens à vontade para representar *de*, *que* e *se*, que têm mesma representação fonética. O propósito nesses casos é agilizar a cópia do texto.

As próximas quatro abreviaturas com maior índice de ocorrência seguem outro tipo de estratégia:

- (4) cm (como), com 15 ocorrências
- (5) Majestad (Majestade), com 14 ocorrências
- (6) ñ (não), com 14 ocorrências
- (7) + (mais), com 14 ocorrências

Em (4), há uma síncope, sendo suprimidas da palavra as vogais, consideradas desnecessárias para o entendimento da palavra no contexto. Já em (5), a abreviatura ocorre por meio de uma apócope, em que cai a vogal final, mais uma vez explorando a fonética da consoante *d*. Com a palavra *não*, exposta em (6), ocorre uma apócope e uma superposição do *til*. E, em (7), o símbolo matemático de adição serve como *abreviação por convenção* (Beltrão, 1998). Em todos esses casos, o propósito também é a rapidez.

Algumas outras abreviações, com menos ocorrências, também são passíveis de análise, tais como:

- (8) Sntos (Santos), com 6 ocorrências
- (9) xegava (chegava), com 4 ocorrências

¹¹ Todas as redações, na íntegra, encontram-se em anexo.

O sobrenome Santos, em (8), também sofria abreviações nos documentos antigos, sendo a mais comum a forma abreviada S^{tos}, em que ocorria síncope com as letras finais em sobreposição. Na abreviatura atual, além do acréscimo da letra *n*, a sobreposição não é usada, já que, com a modernização da escrita, que ganhou o auxílio de máquinas de escrever e computadores, a sobreposição de letras foi deixada de lado, por indisponibilidade do veículo (no caso da máquina de escrever) ou por não ser prático (no caso do computador).

O que vemos em (9) é a extinção do dígrafo, ou seja, de duas letras que representam um único som. Essa estratégia de abreviação é muito comum entre os usuários de Internet, que acham desnecessária a digitação de duas letras quando há a possibilidade de representá-las por apenas uma, de mesmo valor fonético. Outras abreviaturas desse tipo apareceram entre os dados, tais como: axava (achava) e axam (acham).

A lista com todas as abreviaturas encontradas também figura no anexo deste trabalho.

Passemos, então, aos dados colhidos junto aos jovens habituados à Internet.

5.4

Jovens habituados aos programas de bate-papo da Internet

Da mesma forma que foi feito na seção anterior, vamos diretamente ao levantamento dos dados.

De um total de 30 redações colhidas, 12 pertencem a **G2**. Foram encontradas 750 abreviaturas, configurando uma média de 62,5 palavras abreviadas por documento, quase o dobro das encontradas nas redações do **G1**.

Antes de qualquer tipo de conclusão, vamos à análise das abreviaturas mais freqüentes nos documentos de **G2**:

- (10) d (de ou dê), com 109 ocorrências
- (11) q (que), com 82 ocorrências
- (12) c (se), com 19 ocorrências

Percebemos que as três abreviaturas campeãs de uso são as mesmas, tanto entre **G1** quanto entre **G2**, apesar de, proporcionalmente, este grupo utilizá-las com maior

freqüência. A exploração da fonética das letras seria, então, uma tendência da escrita atual em geral, não apenas da escrita em ambientes computacionais, já que, mesmo jovens sem o hábito de conversar em programas de bate-papo lançam mão desse recurso.

As próximas três posições na classificação das abreviaturas mais utilizadas diferem das de **G1**:

- (13) Majestad (majestade), com 14 ocorrências
- (14) D^a (Dona), com 13 ocorrências
- (15) ordm (ordem), com 9 ocorrências

A abreviatura em (13), que era a quinta colocada em **G1**, passa a ser a quarta em **G2**; (14) era a nona colocada em **G1**, e quinta em **G2**; (15) era a décima sexta abreviatura mais usada em **G1**, mas figura como sexta em **G2**.

Essas comparações podem parecer inúteis, mas não o são. Como são mais experientes nesse tipo de escrita abreviada, os jovens de **G2** percebem, com mais facilidade, que (13), (14) e (15) são palavras que aparecem muitas vezes nos trechos que eles copiavam, por isso, da mesma forma que acontecia no **Livro de Entradas** exposto na seção 4.2.2, a abreviação se fazia necessária para a economia de tempo, não trazendo prejuízos ao entendimento, já que essas palavras eram comuns aos contextos em que apareciam.

5.5

Quadro comparativo

Nesta seção faremos uma comparação entre os dados de **G1** e **G2** por meio de gráficos, que facilitarão a visualização das diferenças existentes entre ambos. Também utilizaremos os dados originais dos documentos colhidos do século XIX, já que a comparação entre as antigas e novas estratégias de abreviação será interessante aos propósitos deste trabalho.

Quanto à proporção de redações utilizadas na experiência, verificamos o seguinte:

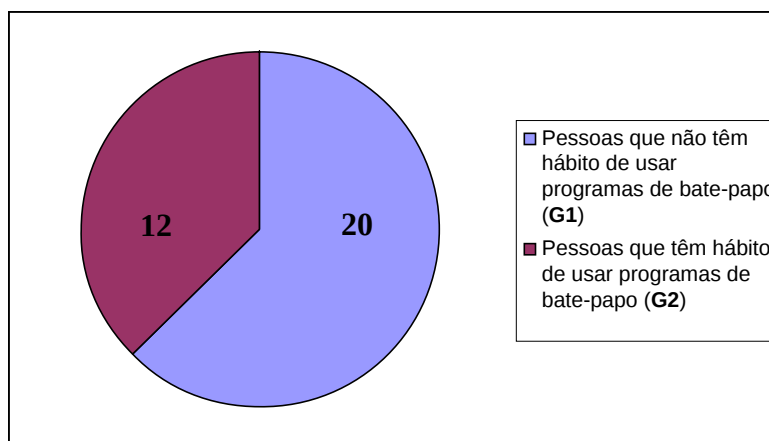


Gráfico 1 – Divisão de alunos por experiência

Esse superioridade não é de se espantar pelo fato de a experiência ter ocorrido em um colégio público localizado na Baixada Fluminense, local que, apesar de estar localizado em uma região metropolitana, ainda não têm habitantes com condições financeiras de se conectarem à rede mundial de computadores.

Vamos agora à quantidade de abreviaturas utilizadas e de redações...

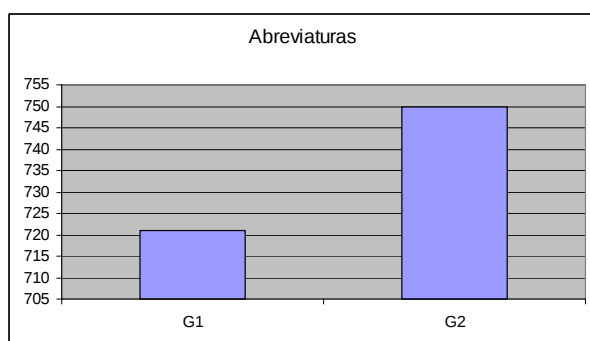


Gráfico 2 – Quantidades de abreviaturas

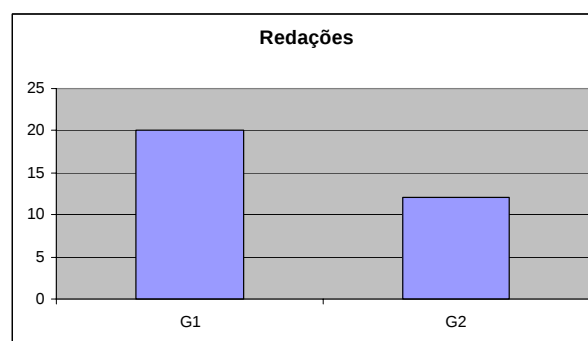


Gráfico 3 – Quantidades de redações

Percebemos que, mesmo tendo um número maior de redações, **G1** tem um número menor de abreviaturas, já que seus componentes não estão habituados à forma prática utilizada, principalmente nos programas de bate-papo, conforme comentado anteriormente.

A seguir, gráficos que demonstram as médias de abreviaturas por documentos, incluindo o original do século XIX:

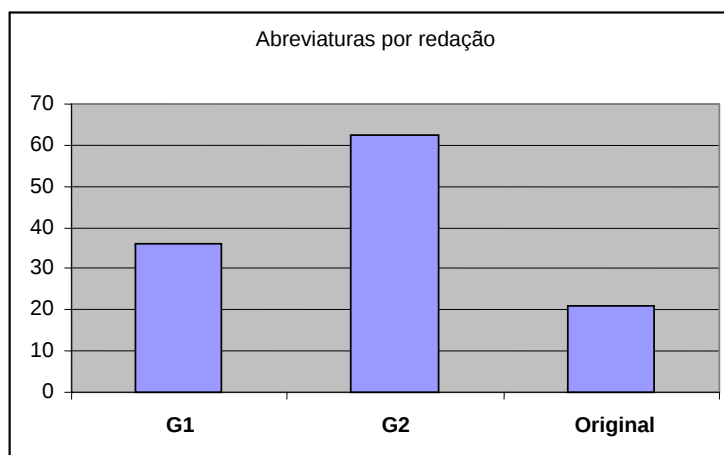


Gráfico 4 – Média de abreviaturas

Nesse gráfico, vemos claramente que os jovens habituados aos programas de bate-papo na Internet, meio em que as abreviaturas são amplamente utilizadas, sentem-se mais confortáveis ao utilizá-las. Porém, o advento da Internet não é um fator decisivo para o alto índice de abreviações, já que, mesmo nas redações dos jovens que não têm acesso à rede foram encontradas mais abreviaturas que no documento original do século XIX, em que elas eram recorrentes, pelos motivos já explicitados nesta pesquisa. Porém, é inegável que o acesso à *web* incentiva seus usuários a abreviarem palavras, haja vista a disparidade entre os dados de **G1** e **G2**.

Uma outra maneira pela qual tratamos os dados foi separando-os por categorias, algumas caracterizadas como abreviaturas e outras simplesmente por fazerem parte do *netspeak*:

- a) Abreviaturas por aproximação fonética (*d* representando *de* ou *dê*; também serão consideradas nesta categoria postônicas finais, em que *e* é reduzido a *i*, como *Majestad*);
- b) Abreviaturas com supressão apenas de vogais (*cm* em lugar de *como*);
- c) Abreviaturas já consagradas pelo uso (*ñ* representando *não*);
- d) Abreviaturas com utilização de símbolos extra-alfabéticos (+ substituindo *mais*);
- e) Abreviaturas com supressão de dígrafos e de *h* (*axava* ao invés de *achava*);
- f) Abreviaturas por supressão do final da palavra (*Imp.* representando *Imperador*);
- g) Abreviaturas por supressão do meio da palavra (*Firmento* em lugar de *Firmamento*);
- h) Representação oral da vogal (*mi* ao invés de *me*);
- i) Utilização de *h* para indicar acento agudo (*jah* substituindo *já*);
- j) Trocas de letras (*esperansas* em lugar de *esperanças*);
- l) Outras formas de abreviação.

O foco do trabalho são as abreviaturas. Porém, vale ressaltar que os itens **h)**, **i)** e **j)** não se configuram como tal, mas estão entre as formas caracterizadas como *netspeak*. Além disso, as palavras entre parênteses são apenas pequenas amostras¹².

Os gráficos apresentar-se-ão levando-se em conta a média de abreviaturas usadas por cada componente dos grupos, já que estes diferem em quantidade de participantes.

Primeiramente, vejamos as ocorrências de abreviaturas por aproximação fonética (a) e por supressão apenas de vogais (b):

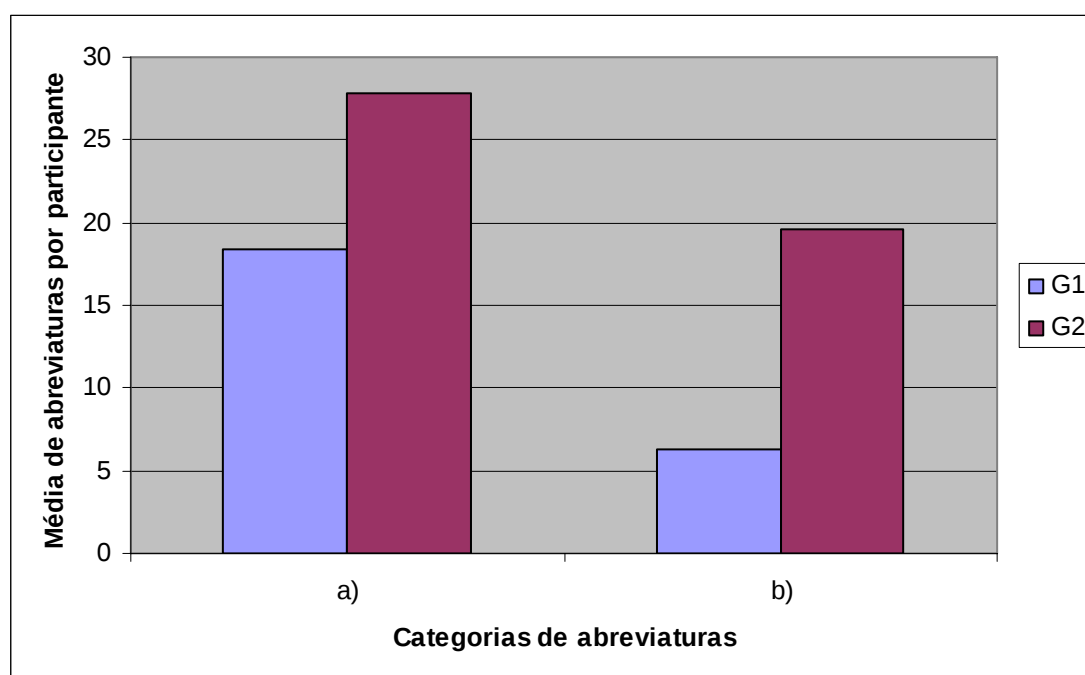


Gráfico 5.1 – Médias de abreviaturas separadas por categorias

Como percebemos em a), G2 tem uma média de 27,8 abreviaturas por participante, contra apenas 18,4 de G1, uma diferença bastante significativa. Por ser um grupo cujo contato com a Internet é constante, tem mais habilidade para fazer a aproximação fonética de letras do que G1, tornando, assim, a comunicação mais rápida e eficiente.

Quando analisamos b), vemos que a diferença entre G1 e G2 é ainda maior que em a). A supressão apenas de vogais apresenta-se como uma das abreviações mais constantes no meio virtual, por ser prática e não prejudicar o entendimento do vocábulo, já que as consoantes são mantidas em seus devidos lugares. G1, por não ter contato direto com esse meio, não se utilizou muito desse recurso, procurava abreviar as

¹² A lista detalhada com as abreviaturas e o número de ocorrências encontra-se em anexo.

palavras de diversas formas, porém sem uma constância, por isso a média de abreviaturas por participante foi de 6,3, contra 19,58 de G2.

Comparemos, então, os grupos por meio de um novo gráfico, que abarca os outros tipos de abreviações ocorridas:

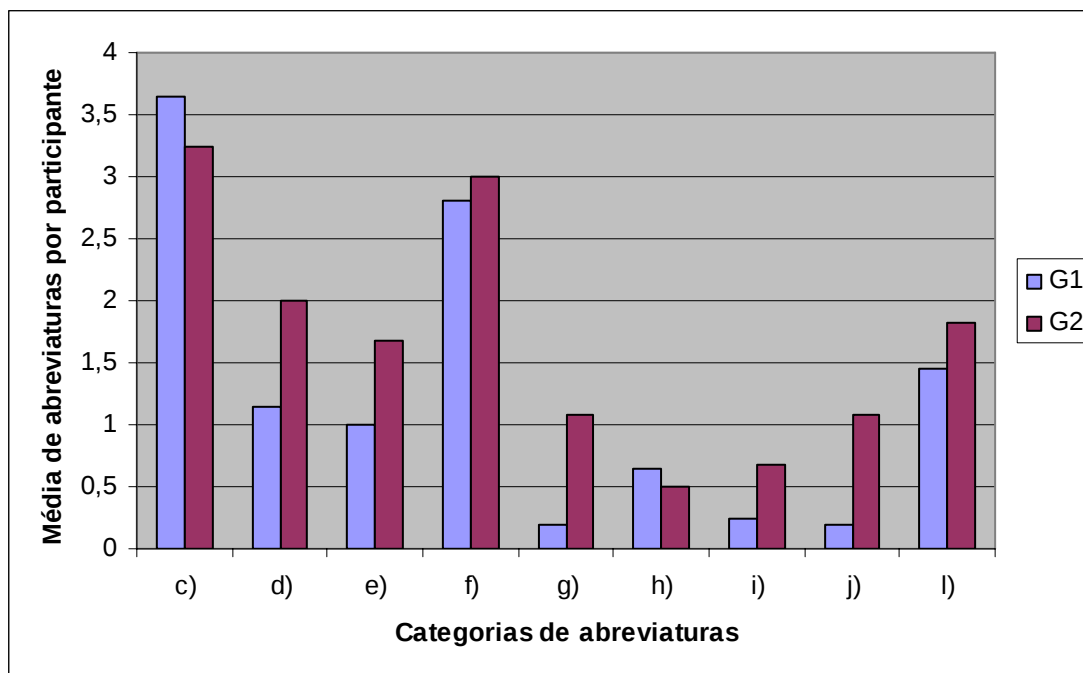


Gráfico 5.2 – Médias de abreviaturas separadas por categorias

É bastante interessante compararmos os grupos na categoria c). Pela primeira vez, G1 aparece na frente de G2, com a média de 3,65 abreviaturas por participante, enquanto cada componente de G1 utilizou, em média, apenas 3,25 formas abreviadas.

Apesar de a diferença ser pequena, acrescenta um dado muito interessante a esta pesquisa. O item c) é o das abreviaturas já consagradas pelo uso, como *ñ* (*não*), *D.* (*Dona*), *p/* (*para*) etc. Como não é necessário o uso da Internet para conhecer essas abreviações, os componentes de G1 fizeram uso dessas formas sempre que possível, superando até mesmo os de G2, que, talvez por não serem essas abreviaturas exclusivas da rede, não se preocuparam muito em utilizá-las, pois elas não têm a tal função bacana descrita por Crystal (2005, p.91-2).

Esse dado nos faz chegar à conclusão de que as pessoas sem hábito à Internet não usam abreviaturas porque não têm prática em fazê-lo, e não porque não querem abreviar, já que, quando as abreviaturas são conhecidas, elas não titubeiam e valem-se dessa estratégia de economia de tempo. Sem contar, é claro, as pessoas que não usam abreviaturas porque são contra esse tipo de recurso, por acharem uma agressão à língua.

Em d) e em e), G2 volta a superar G1. Em d), onde são utilizados símbolos extra-alfabéticos para economizar tempo, cada componente de G2 utiliza em média 2 palavras com esse recurso, enquanto G1 tem média de 1,15.

A proliferação de símbolos extra-alfabéticos na linguagem da Internet acontece “a olhos vistos”, já que esse recurso mostra a criatividade do usuário, destacando-o dos demais e dando-lhe um status maior na comunicação. Quando o símbolo é bem empregado, ele se alastra rapidamente pelo mundo virtual, e, como vemos ultimamente, por diversas áreas do “mundo real”.

A categoria e) diz respeito às abreviaturas com supressão de dígrafos e de h. Essa categoria é uma das que causa mais polêmica entre os usuários da língua portuguesa, já que muitos acham que a utilização de *axava* em lugar de *achava*, por exemplo, não teria o propósito de economizar tempo ou configurar a linguagem como característica da Internet, pois seria, na verdade, uma forma de “camuflar” o desconhecimento da língua. Polêmicas à parte, vamos aos dados:

G2 tem média de 1,67 abreviaturas por componente contra 1 de G1. Conforme dito anteriormente, essa estratégia é largamente utilizada na Internet, causando, até mesmo, confrontos ideológicos a respeito da língua portuguesa, o que instiga os participantes de G2 a utilizá-la.

A categoria f) é uma em que não há diferença significativa entre os usos por parte de G1 e G2, já que suprimir o final da palavra é um recurso comum, não estando exclusivamente em ambientes virtuais. Talvez, se fizéssemos uma análise qualitativa dos dados, encontraríamos uma maior eficiência na utilização da apócope em G2. Porém, esse tipo de análise não será feito neste momento.

Seguindo a análise do gráfico, as únicas categorias em que ainda encontramos diferenças significativas entre G1 e G2 são as g), i) e j).

A categoria g) representa a utilização de síncope, ou seja, a supressão do meio da palavra. A média de G2 é de 1,08 contra 0,2 de G1, o que mostra que há uma maior facilidade nesse uso entre os usuários de Internet.

Já na categoria i) fica latente a vantagem de G2 (0,67 por pessoa) sobre G1 (0,25 por pessoa). A utilização de *h* para indicar acento agudo é advinda do meio da informática, o que faz com que os componentes de G2 tenham vantagem nessa forma de expressão, que nem podemos chamar de abreviação. Essa categoria foi incluída nesta

análise por se tratar de um tipo de estratégia usada na linguagem da Internet, o que não nos permitiria deixá-la de lado simplesmente por não ser uma abreviatura.

A categoria j) é outra que a previsão de que G2 teria uma média de usos maior do que G1 foi apenas confirmada, não configurando uma novidade, já que a troca de letras, sem fins abreviativos, também é característica da rede. Por esse motivo, G2 tem uma média cinco vezes maior que G1: 1,08 contra 0,2.

No documento original, que serviu de base para a experiência com os alunos, as três estratégias de abreviação foram:

- 1) A utilização de acrônimos (5 ocorrências);
- 2) Supressão do final da palavra (4 ocorrências), a categoria f) a qual nos referimos acima;
- 3) A supressão do meio da palavra (6 ocorrências), a categoria g) a qual nos referimos acima.

Vejamos, então, uma comparação entre as abreviaturas antigas e as novas:

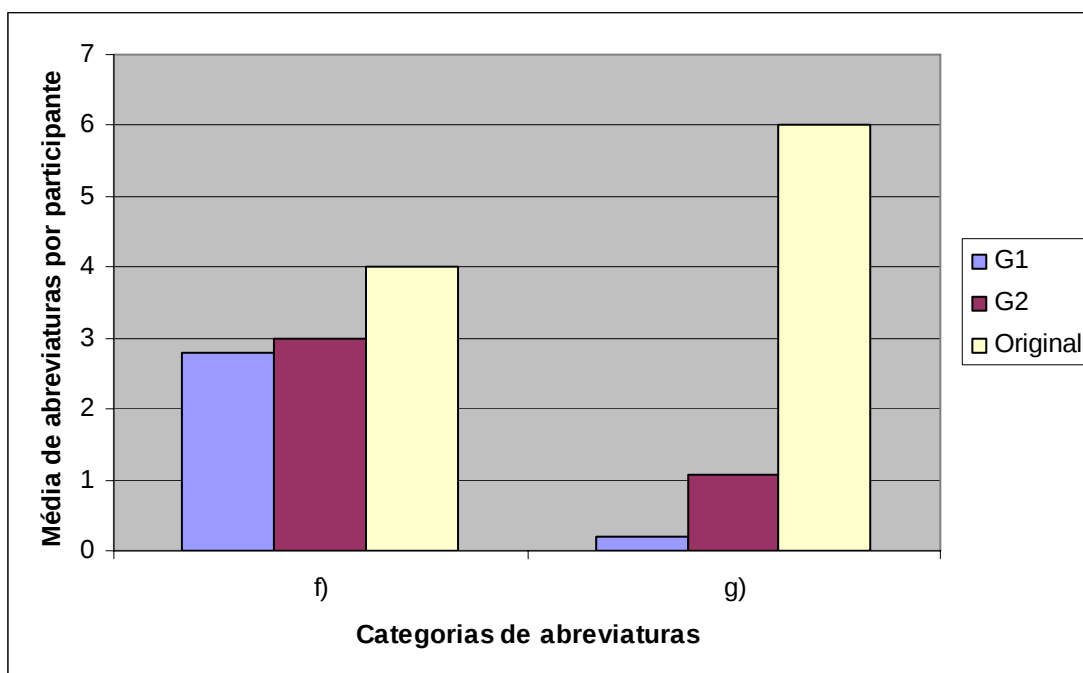


Gráfico 6 – Algumas médias de abreviaturas separadas por categorias, comparando os três casos

A categoria f) não apresenta muita variação entre G1 (2,8 ocorrências), G2 (3 ocorrências) e o documento original (4 ocorrências), caracterizando a supressão do final das palavras como uma estratégia de abreviação que prevalece através do tempo, sendo mantida e preservando sua eficiência.

Já a categoria g) nos mostra uma grande diferença entre os grupos atuais e o documento original. A supressão do meio da palavra, a chamada síncope, parece ter caído em desuso, já que, no documento-base da experiência havia 6 abreviaturas desse tipo, contra a média de 0,2 em G1 e 1,08 em G2.

Vimos, por meio das comparações, que outros tipos de abreviaturas surgiram através das novas tecnologias, abrindo um leque de opções para os usuários da língua bem maior do que o que existia há algumas décadas.

5.6

As abreviaturas sem condicionamento

Para que a nossa pesquisa não abranja somente dados condicionados, ou seja, dados em que as pessoas foram solicitadas a abreviarem palavras, acrescentamos aqui um corpus colhido em um *blog* e em um *chat*, ambientes em que as pessoas utilizam a linguagem sem que lhes sejam impostas quaisquer condições de escrita.

Não serão contabilizados os *emoticons* utilizados, já que o programa que utilizamos para processar os textos não nos permite o processamento dos mesmos, além de darmos preferência à análise de palavras.

5.6.1

Pileque de palavras

Primeiramente veremos os dados colhidos no *blog* “Pileque de palavras”. Recolhemos todas as postagens e comentários feitos do período de 15 de maio de 2006 a 01 de outubro do mesmo ano. Vale ressaltar que o estilo de diversas pessoas está contido nesse corpus, já que, além das postagens feitas pela criadora da página, há vários comentários inseridos por amigos e até mesmo desconhecidos da mesma. O processamento do texto foi feito pelo programa Unitex e refinado manualmente.

Das 2000 palavras do corpus, 195 são abreviaturas ou palavras características da Internet, o chamado *netspeak*, ou seja, 9,75% do vocabulário utilizado neste *Blog* é composto pelo chamado Internetês.

Vejamos as abreviaturas com maior recorrência:

- (16) q (que), com 23 ocorrências
- (17) vc (você), com 19 ocorrências
- (18) bjs (beijos), com 7 ocorrências
- (19) tb (também), com 7 ocorrências

A aproximação fonética, como no caso do uso de *q* em lugar de *que*, da mesma forma que na pesquisa condicionada, é um dos mais recorrentes, ficando atrás apenas das abreviaturas já consagradas pelo uso, como vemos em (17) e (19). Observemos, agora, as categorias de abreviaturas e de palavras caracterizadas como *netspeak* encontradas no corpus composto pelo *blog* “Pileque de palavras” e pelo *chat* “Rebelde”:

- a) Abreviaturas por aproximação fonética;
- b) Abreviaturas por supressão somente de vogais;
- c) Siglas;
- d) Abreviaturas já consagradas pelo uso;
- e) Abreviaturas com utilização de símbolos;
- f) Abreviaturas com supressão de dígrafos e h;
- g) Utilização de *h* para indicar acento agudo;
- h) Utilização de *um* para indicar til;
- i) Abreviaturas por supressão do final da palavra;
- j) Abreviaturas por supressão do meio da palavra;
- l) Trocas de letras;
- m) Utilização de anglicismos;
- n) Caracteres usados para expressar risadas;
- o) Tentativa de expressar entonação na escrita;
- p) Palavras com falta de acentos e com erros ortográficos;
- q) Representação oral da vogal.

Mais uma vez lembramos que, além de serem contabilizadas abreviaturas, estão também contempladas formas julgadas características do *netspeak* (g, h, l, m, n, o, p, q). Analisemos o gráfico:

Blog

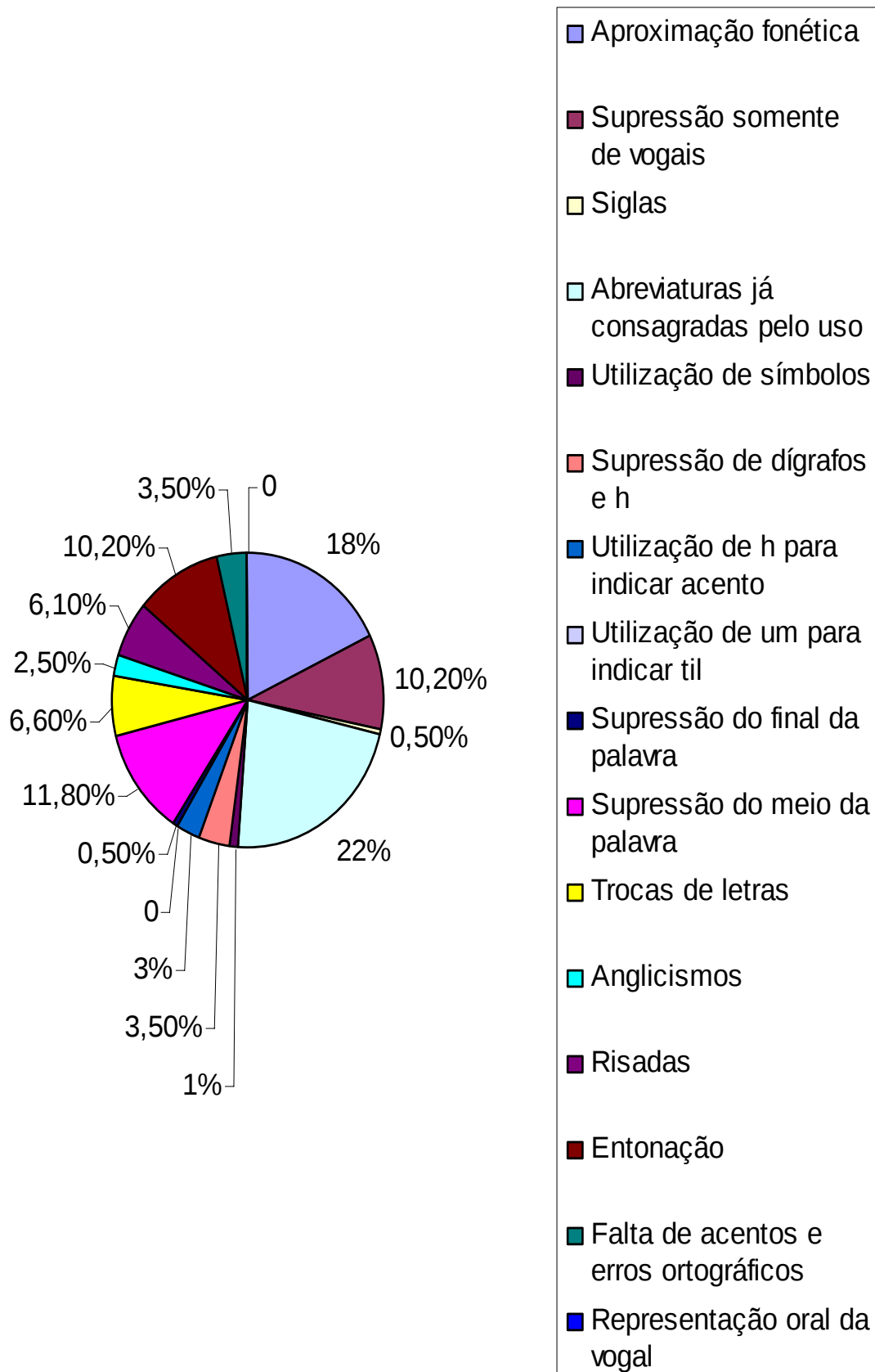


Gráfico 7 – Abreviaturas separadas por categorias encontradas no Blog

O recurso abreviativo mais utilizado no gênero *blogs* é o listado no item d), as abreviaturas já consagradas pelo uso; seguido pelo item a), as abreviaturas por aproximação fonética.

A seguir, analisemos os resultados encontrados no corpus do *Chat*.

5.6.2 **Rebeldes**

Neste momento, poderemos visualizar os resultados aos quais chegamos após recolher dados no *chat* do site *Terra*, na seção *Novelas* e na subseção *Rebeldes*, série de televisão assistida por milhões de jovens atualmente. O corpus foi recolhido no dia 02 de outubro de 2006, por dez minutos, de 00:28h. até 00:38h.

Para fazer essa coleta, entramos no *Chat* apenas como observadores, situação em que os membros do mesmo não podiam interagir comigo e vice-versa. Por isso foi possível analisar apenas as mensagens enviadas para todos, excluindo-se assim as chamadas “conversas reservadas”.

O processamento do corpus foi feito da mesma forma como no *Blog*, pelo programa Unitex, e refinado manualmente.

Das 503 palavras do corpus, 134 são abreviaturas ou palavras características da Internet, o chamado *netspeak*, ou seja, 26,6% do vocabulário utilizado neste período é composto pelo chamado Internetês.

Vejamos as abreviaturas com maior recorrência:

- (20) q (que), com 11 ocorrências
- (21) K (risada), com 11 ocorrências
- (22) vc (você), com 10 ocorrências
- (23) KK (risada), com 8 ocorrências
- (24) TSC (muxoxo), com 8 ocorrências
- (25) NAUM (não), com 7 ocorrências

Mais uma vez o q (que) aparece como campeão, seguido, desta vez, pela letra K, representando risada e pelo vc (você), outro com grande utilização.

Como as categorias de abreviaturas e de palavras caracterizadas como *netspeak* já foram descritas na seção anterior, vamos diretamente à análise do gráfico:

Chat

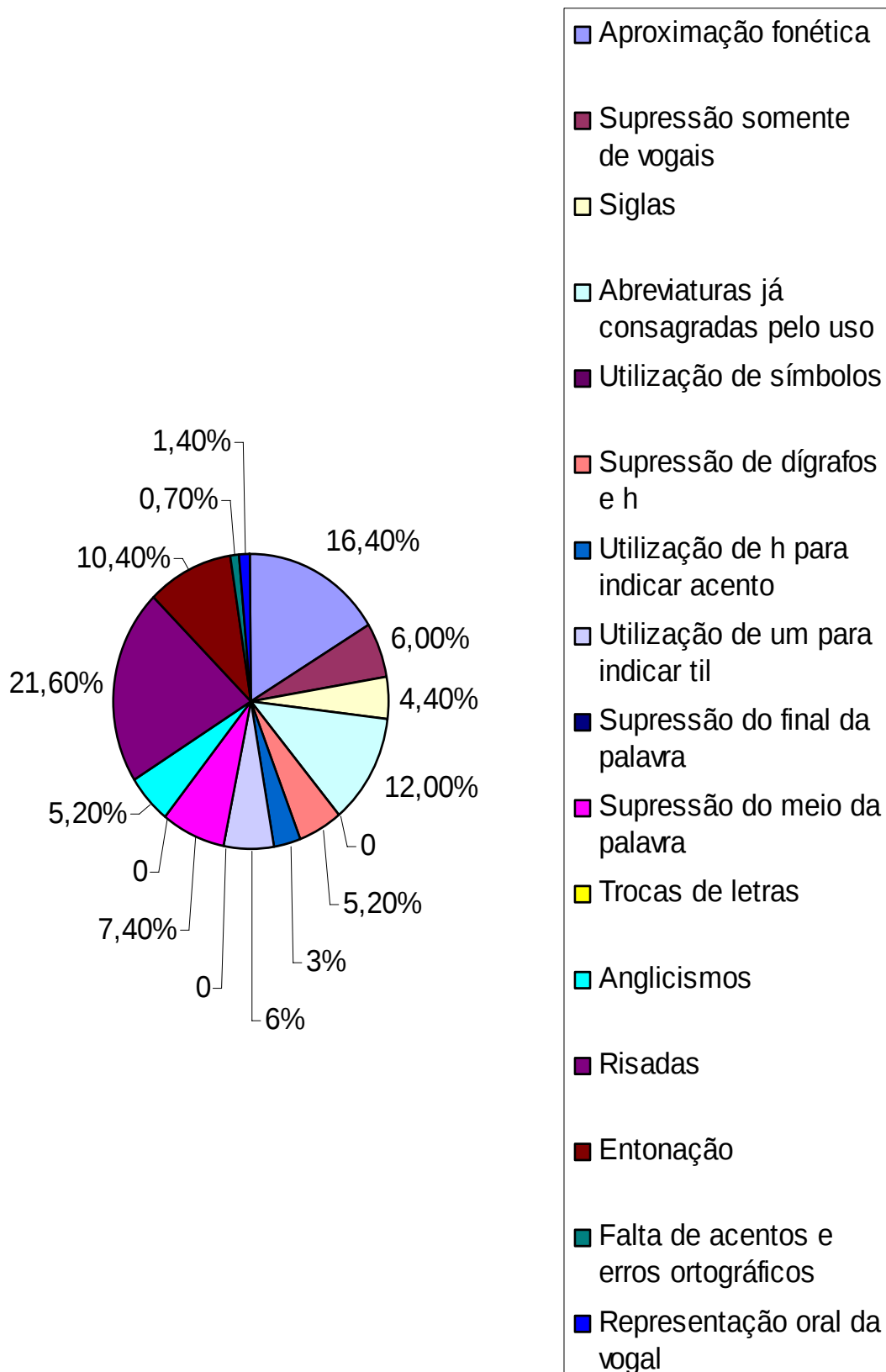


Gráfico 8 – Abreviaturas separadas por categorias encontradas no Chat

O recurso característico do *netspeak* mais utilizado no *chats* é a representação de risadas por letras, seguido pelo de aproximação fonética e as abreviaturas já consagradas pelo uso.

Nesta análise aparece um dado importante: nos *chats*, mais do que nos *blogs*, a tentativa de expressar estado de espírito através da linguagem escrita é bastante recorrente, caracterizando a linguagem dos *chats* como mais informal e descontraída do que a dos *blogs*.

Façamos, então, outras comparações entre os gêneros *blog* e *chat*:

5.6.3 Cruzamento de resultados

Ao compararmos os resultados que obtivemos com as análises da linguagem de *blogs* e *chats*, podemos chegar a algumas interessantes conclusões. Para nos auxiliar nesta tarefa, vejamos o gráfico a seguir:

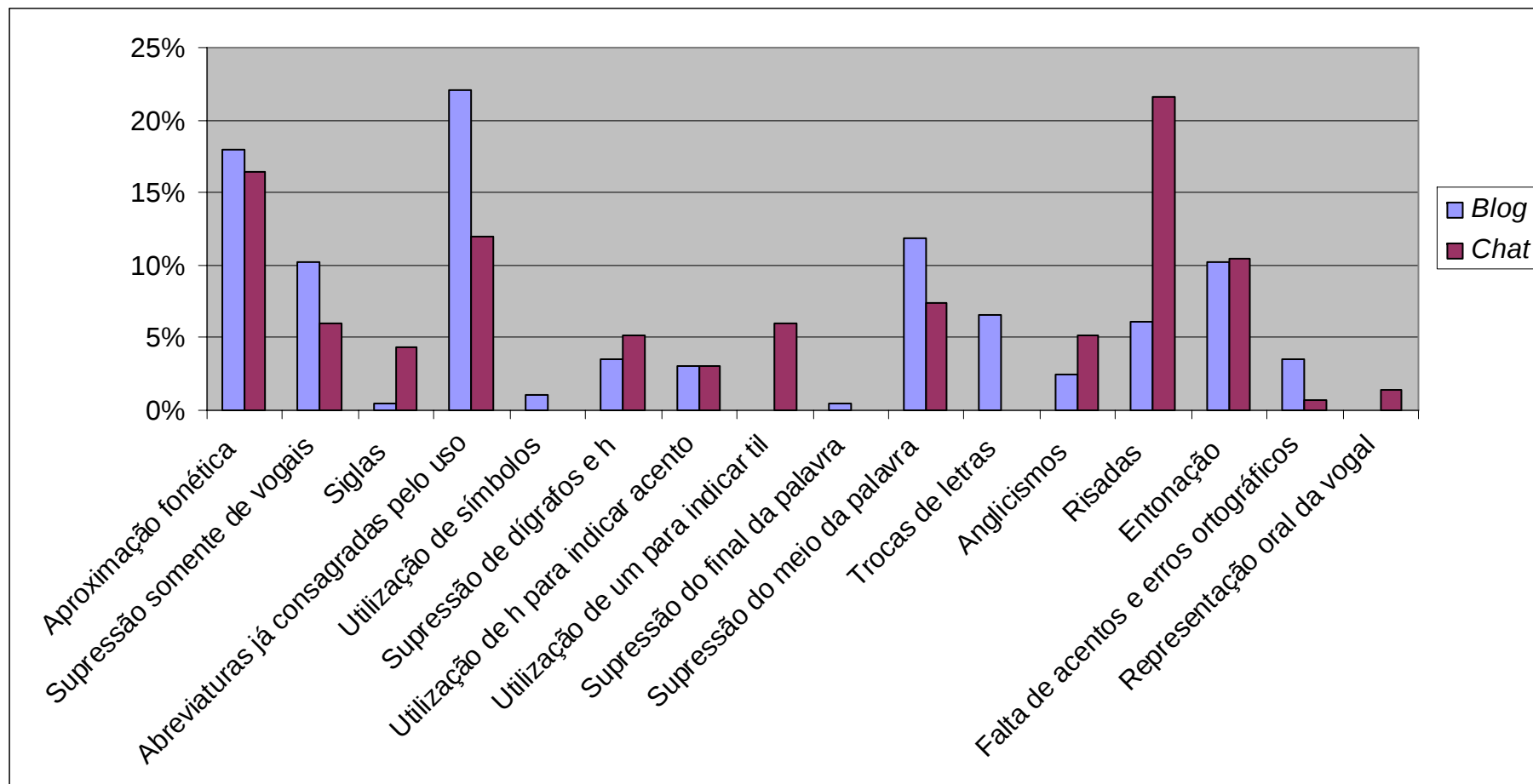


Gráfico 9 – Quadro comparativo entre as categorias de abreviaturas utilizadas no Blog e no Chat

As abreviaturas por aproximação fonética, tanto no *Chat* quanto no *Blog*, aparecem como recurso bastante utilizado, sem uma diferença significativa entre os dois ambientes.

Já as abreviaturas com supressão somente de vogais são mais utilizadas em *blogs* do que em *chats*. Esta diferença é compensada pelo uso de siglas, recurso mais recorrente em *chats* do que em *blogs*.

Outro recurso em que vemos uma grande diferença entre o *Blog* e o *Chat* é o uso de abreviaturas já consagradas pelo uso, devido a sua recorrente utilização. Usam-se muito mais abreviaturas dessa categoria no *Blog*. Como este é um ambiente de postagem assíncrono, há uma maior tranquilidade do emissor ao escrever a mensagem, propiciando esses usos, enquanto que, no *Chat*, a necessidade de uma comunicação mais rápida exige uma maior criatividade de seus participantes, que preferem criar novas formas abreviadas a usarem outras já conhecidas.

Antes de fazermos mais comparações, lembremos dos resultados aos quais chegamos na pesquisa condicionada com os alunos. Lá, as abreviaturas por aproximação fonética e com supressão apenas de vogais foram os recursos mais utilizados. Aqui também são estratégias recorrentes, o que mostra que essas são as tendências significativas atualmente no *netspeak*.

Outro dado significativo é a tentativa de demonstrar entonação na linguagem escrita, recurso praticamente empatado no *Blog* e no *Chat*, porém, não utilizado na pesquisa condicionada.

O uso de “um” para substituir o *til* também pode ser ressaltado aqui, já que aparece somente nos dados do *chat*, o que indica a tendência comentada na seção 8.2, de que a substituição de alguns recursos gráficos, como acentos e *til*, são mais práticos quando a situação exige uma comunicação mais rápida, já que, quando os digitamos, eles não aparecem imediatamente na tela. A tendência de usar *h* para indicar acento agudo é a mesma no corpus do *blog* e do *chat*.

As trocas de letras aparecem somente nos *blogs*, o que mostra que a escrita mais rápida dos *chats* não permite a utilização deste recurso, que não economiza tempo algum dos usuários.

Como último e talvez mais importante dos dados, analisemos a percentagem das abreviaturas no corpus do *Blog* e no do *Chat*. Enquanto apenas 9,75% das

palavras colhidas no *Blog* são consideradas *netspeak*, 26,6% das colhidas no *Chat* o são, quase três vezes mais. Com isso, confirmamos a tese de que, quanto mais rapidez nos exige a situação, mais abreviamos palavras.

Os *chats*, por serem conversas síncronas, que exigem resposta rápida, uma verdadeira competição comunicativa, incitam mais os usuários a abreviarem palavras do que os *blogs*, em que a comunicação é assíncrona.

Vimos também, que, comparando os dados condicionados com os do *Blog* e do *Chat*, não é apenas o contato com a linguagem da Internet que habilita seus usuários a utilizarem abreviaturas. A exigência do meio é um fator decisivo para a pessoa usar uma linguagem mais ou menos abreviada.

Além disso, abreviam-se palavras apenas quando seu entendimento não é prejudicado, da mesma forma que vimos na seção **6.1.2** desta dissertação. Em um comentário do *Blog*, é utilizada a sigla CDA, que, fora de contexto, seria ininteligível. Porém, como o assunto versava sobre poemas, e como o nome estendido já fora citado na postagem principal, ficou claro que CDA se referia a Carlos Drummond de Andrade.

Uma outra análise que podemos fazer é classificar as abreviaturas quanto ao número de sílabas. Foram consideradas, nos gráficos que veremos a seguir, todas as palavras caracterizadas como *netspeak* utilizadas no *blog Pileque de Palavras* e no *chat Rebelde*, excluindo-se apenas as representações de risadas e outros sons que não representem palavras gráficas, por não permitirem esta análise.

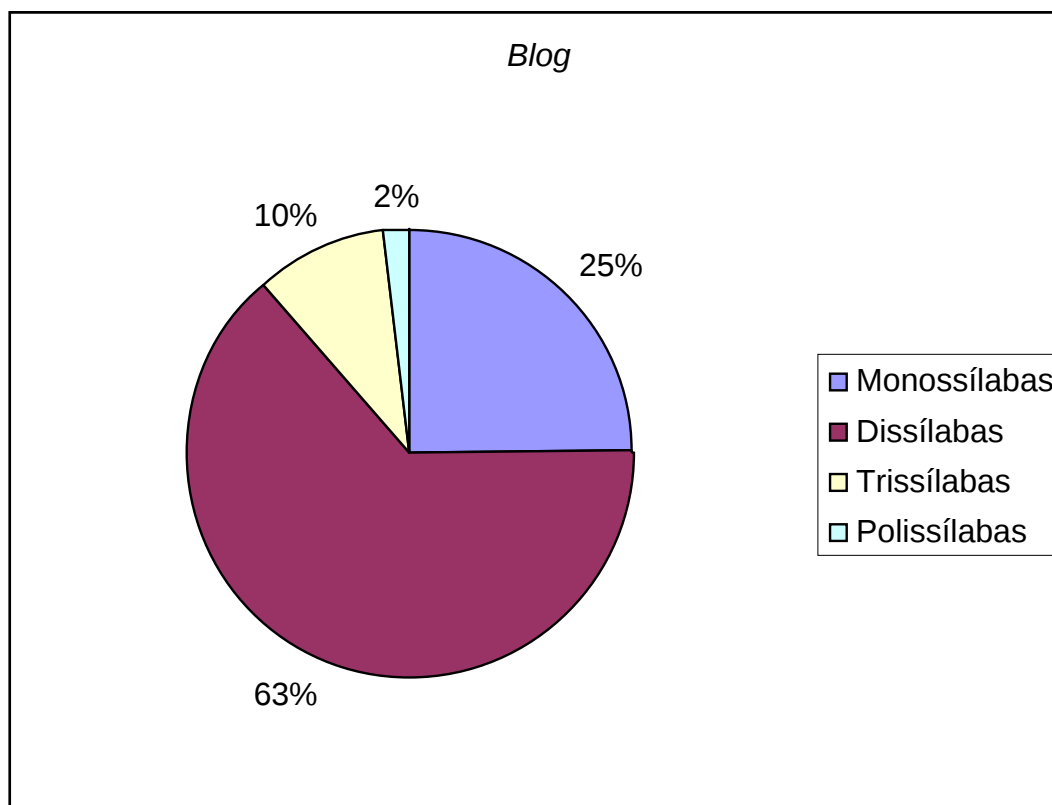


Gráfico 10 – Abreviaturas separadas por número de sílabas das palavras-base encontradas no Blog

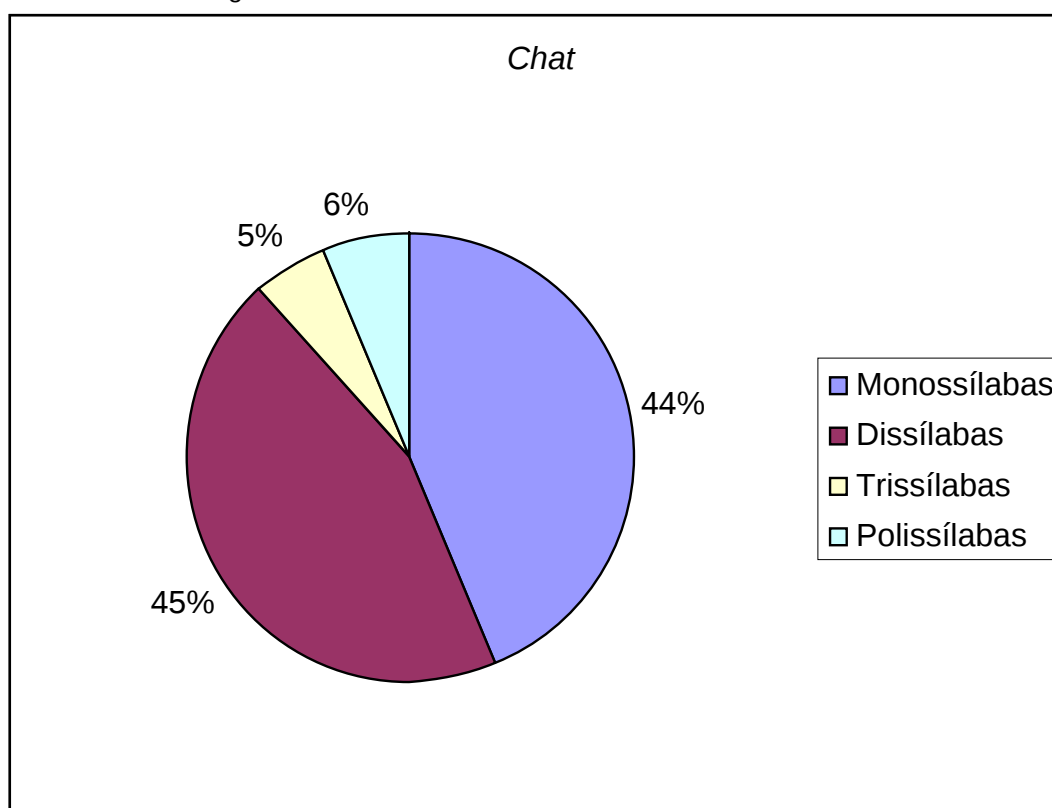


Gráfico 11 – Abreviaturas separadas por número de sílabas das palavras-base encontradas no Chat

Apesar de, em um primeiro momento, pensarmos que os praticantes do *netspeak* abreviam ou modificam mais as palavras de maior extensão gráfica, as trissílabas e polissílabas, vemos, a partir dos gráficos que a realidade é outra.

Percebemos que, no *Blog*, a incidência de palavras dissílabas é bem maior que no *Chat*: 63% e 45%, respectivamente. A um resultado contrário chegaremos se analisarmos o índice de ocorrência de monossílabas: 44% no *Chat* e 25% no *Blog*.

Analisando a quantidade de trissílabas e polissílabas e suas intenções, confirmamos a afirmação do parágrafo anterior. Enquanto no *Blog* temos 12%, somando as duas categorias, no *Chat* temos 11%. Apesar de os números indicarem similaridade, há uma grande diferença entre os dois ambientes.

Todas as ocorrências de trissílabas no *Chat* se referem ao grupo *Rebelde*, mundialmente conhecido como RBD, o que acaba tornando a abreviação comum, diferentemente das trissílabas do *Blog*, que são compostas por vários tipos de palavras, não apenas uma sigla já conhecida.

Analisando as polissílabas, percebemos que, no *Chat*, as seis ocorrências são da mesma expressão, FDP, um xingamento que um dos participantes insiste em pronunciar para todos os outros¹³, enquanto que, no *Blog*, as três ocorrências são variadas, uma de cada palavra, e acontecem de forma natural, não caracterizando uma mera repetição de palavras com intuito de agredir os outros participantes.

Portanto, há maior ocorrência e variação de trissílabas e polissílabas, palavras que indicam maior elaboração vocabular, no *Blog*.

A partir desses dados, queremos mostrar que, conforme já alertamos em seções anteriores, a escrita em *chats* se aproxima mais da fala do que em *blogs*, já que estes ainda preservam uma característica da escrita tradicional, a assincronia, enquanto aquele é síncrono, fato que pressiona os participantes a se comunicarem mais rapidamente, causando uma escrita mais fragmentada, literalmente monossilábica.

¹³ Essa é uma prática recorrente em *chats* temáticos abertos, onde um participante que não gosta de determinado tema, no caso o grupo musical *Rebelde*, agride os outros por meio de ofensas e palavras injuriosas.

Apesar de os dados mostrarem que tanto estratégias para economizar tempo como meras trocas de letras, sem fins econômicos aparentes, não são utilizadas indiscriminadamente, muitos profissionais da educação se sentem aterrorizados com sua proliferação, como veremos a seguir.